

perfeita, verdadeira e nitida do que é a dedicação a essa mal determinado culto. Urge varrer do cérebro da juventude e do povo trabalhador em geral esse falso, absurdo e ilógico sentimento, obstáculo poderosa á realização do nosso belo Ideal de amor.

Sim; é contraproducente que nós tenhamos uma pátria, nós que não possuímos algum património, se bem que os produtores únicos de toda a imensa riqueza social.

Acaso são nossos os instrumentos de trabalho? Não, se bem que só nós os manejamos.

Pertencem-nos os elementos que á Terra-Creadora arrancamos? Não, nada disso é nosso; é toda uma caterva de exploradores ociosos que consome a parte do leão; são eles os detentores da terra, das ferramentas, do produto do nosso labor.

E osam-nos falar em pátria, áles, que também pátria não têm. Quando nos pregam a defesa nacional não oham patrioticamente; no que simples e meramente pensam é na salvaguarda dos seus interesses próprios.

Afugentamos esse sentimento piegas que só serve para perpetuar na terra a exploração do homem pelo homem e clamamos com Diderot: «Não há pátria: dum ao outro extremo do polo não vejo senão escravos e senhores».

E' apoiando-se, escudando-se no sentimento, na religião patriótica que o militarismo se sustenta, vive, originando, como sua consequência natural, lógica:—as guerras, pois que só para as guerras foi o exército creado.

E' na defesa das pátrias, essas várias divisões do nosso planeta, que perece, em horrorosas hecatombes, toda uma mecidade robusta.

E' em nome da defesa nacional, que os ladrões de alta banca dão largas á sua desmedida ambição, arremessando povo contra povo, na mais tigrina luta a semear a dor, a devastação e a morte em regiões inteiras.

E' maneando habilmente a falsa ideia de pátria, como expressão dum sentimento nobre, que os governos, grandes possuidores dos bens da terra e a imprensa mercantilista, sua vendida e apañigada, justificam as suas empresas especulativas, os seus crimes repelentes. Mas quando, jovens, educados no sentimento do bem, no amor da humanidade, sentirdes o dever de jámais terçar armas, para provento único dos vossos senhores e tiranos, recursar-vos-heis a marchar para o campo da batalha, a hostilizar homens como vós, contra os quais não tendes razão alguma de extermínio a violência.

E não mais se esterelizará uma juventude robusta para satisfação da insaciavel gula dos potentados da terra.

A. A. NUNES.

TEM A PALAVRA UM RUSSO

O verdadeiro culpado

Em nossos países de civilização capitalista, há cerca dum rição por mil habitantes, uma pessoa relativamente abastada por cem e dez por cento que vão vivendo.

Economicamente, a classe média e a pequena burguesia teriam nove vezes em dez interesse directo em fazer causa comum com os comunistas; mas, na prática, essa pequena e média burguesia é na sua imensa maior a radicalmente contrária a todas as reivindicações do proletariado.

A situação particular dessas camadas sociais transforma-as em ramos secos da árvore da vida.

De facto, só se contam o capitalismo e o proletariado, isto é, a ínfima minoria dos possuidores e dirigentes efectivos e o conjunto dos trabalhadores, dos produtores directos, camponeses e operários.

Ora, nós afirmamos, contrariamente á lacaiada alemã e aos politicanes franceses, que o povo não tem interesse algum na guerra, e na carnificina actual menos do que em qualquer outra.

A guerra é obra de amos, reis, dirigentes, possuidores exclusivamente.

Do ponto de vista do povo trabalhador e produtor, toda e qualquer guerra é um crime de lesa-humanidade.

Sendo esse crime social, determinado pela divisão da Sociedade em dirigentes e dirigidos, em possuidores e desapaosados, a distincção entre guerras ofensivas e guerras defensivas é ociosa, falsa, hipócrita, sclerada no mais alto grau.

Atesta-o a história toda e prova-o exuberantemente a guerra actual para todos os que sabem abrir os olhos e não temem ou não julgam ter um interesse qualquer na chacina internacional, no monstruoso e insondavel delicto do vigésimo século da era, cujo ponto de partida é o nascimento do Deus cristão, renegado pelos seus, e que disse: Tu não deves matar.

A imprensa burguesa dos países aliados e da Alemanha e Austria é undime em invocar, em favor do Triplo Entendimento ou da Dupla Aliança, a postura hipócrita de atacado.

Esta attitude jesuítica tem por fim desculpar de antemão todos os crimes, todas as crueldades, todas as infâmias que a pseudo-defesa pode necessitar e justificar.

Segundo os homens mais competentes, um ano de guerra causaria entre os austros-alemães mais de 50 por cento de mortos e mortalmente feridos, isto é, seis milhões de homens na flor da idade.

Perante esta cifra fúnebre, não deveria haver, de futuro, já não deve haver para o proletariado

mais do que um lema: desertar. A deserção em massa é a rebelião; a rebelião em massa é a revolução libertadora.

A revolução plebeia de 1792-1794 fez quatro mil vitimas em dois anos. A actual carnificina burguesa fará mais de dez milhões de estropiados e assassinados num só ano.

E' o comentário eloquente que a burguesia escreve hoje no seu vocabulo «humanitarismo».

A burguesia capitalista é a classe infame, a classe monstruosa e sádica. Ela deve ser o ponto de mira, a Cartago a destruir, para o Proletariado.

FREDERICO STACKELBERG

Coslas historicas

10-1304—Os cruzados saqueiam a cidade de Constantinopla, trucidam os seus habitantes e destroem quase todas as obras de arte que encontram.

13-1304 Em S. José de Costa Rica sai o primeiro número duma revista anarquista com o titulo, Vida e Verdade.

14-1720—Nasce em Haia (Holanda) Cristiano Huygens, ao qual se devem: a descoberta de nebulosa de Orion, a applicação do pêndulo na relojoaria, o espiral dos relógios de aligibela, etc., etc.

15-1888—Sai em Manteva O Amigo do Povo, semanário anarquista.

16-1788—Morre o escritor e naturalista João Luis Leclere Buffon.

17-1913—Realisa-se em Cordoba a primeira sessão dum congresso sindicalista dos rurais espanhols e portugueses.

18-1675—Revolta-se o povo de Reunes (França), que destrói as repartições públicas e obriga o governo a suprimir os pesadissimos impostos para a guerra.

Fala um socialista inglês

No comício de abertura que precedeu o recente congresso do Partido Operario Independente inglês, o deputado Macdonald, que presidia, declarou que era essencial examinar desde já as condições de paz e exigir que o governo inglês faça saber quanto antes em que condições estaria disposto a celebrar a paz. Para os povos da Europa, a única maneira de se libertarem do militarismo é tomarem nas suas mãos a condução dos seus destinos: «Afirmam-nos que para nos desembarçarmos do militarismo prussiano temos que o esmagar nos campos de batalha; é muito pouco verosmil; para nos desembarçarmos do militarismo prussiano, temos primeiramente que nos livrar da política á prussiana. Só o próprio povo prussiano pode esmagar o militarismo prussiano.»

Publicações

Biblioteca «A Mundial»—Esta biblioteca que acaba de se fundar em Lisboa, inicia, no dia 1 de Maio, a publicação em tomos de 64 paginas ao preço de 100 reis, do interessante trabalho de Henri Varennes, De Ravachol a Caserio.

O título com que sai agora esta obra é:—O Terrorismo em França (1891-1894); e segundo as opiniões mais autorizadas no assunto, «ela constitui o livro mais importante que até hoje se tem publicado a respeito do movimento anarquista terrorista em França, não só pela abundância de documentos que encerra, como pela forma imparcial na relação dos factos.»

Os pedidos de assinatura devem ser dirigidos á Biblioteca Mundial, rua dos Poins de S. Bento, 91, Lisboa.

El problema anarquista—A biblioteca «Aurora», da Corunha, vem de editar este folheto de 16 paginas, escrito pelo camarada Eduardo G. Gilimón, e que vende ao preço de 10 centimos (20 reis) cada exemplar.

Apreciando o Estado actual das nossas ideias, a sua acção imediata e o seu desenvolvimento futuro, Gilimón fez várias considerações interessantes e que podem servir de tema a uteis discussões sobre principios, combate a guerra, a pátria, as diplomacias, os dogmas e salienta a necessidade de imperiosa duma acção enérgica e bem combinada da parte de todos os revolucionários sociais para que a queda do regime capitalista seja um facto.

Os pedidos devem ser feitos a Enrique F. Chás, Cordelaria, 50-2.º Corunha—Espanha.

A emancipação da mulher

Eu não sei quando em Portugal alvorecerá o primeiro clarão da emancipação feminina. Decreto não será enquanto as mulheres, sobretudo as mães, se não penetrarem de que a redenção da humanidade só poderá ser obra da mulher—da mulher conscientemente educada, preparada para a luta pela vida.

A mulher, através os seculos, foi e continua a ser a escrava submissa do homem; e tão arreigado tem aquele espirito que não ha meio de lhe fazer compreender que não deve ser escrava do homem, mas sim a sua companheira na vida e nas lutas empreendidas. Ah! no dia em que nós, as mulheres—possuímos uma educação e instrução puramente racionais e tivermos a compreensão nitida dos nossos direitos, esta sociedade de que nos escravisa, que nos considera como um simples objecto decorativo e de góso, há de desaparecer para se organizar uma sociedade nova, igualitária, livre para todos os séres.

Tem havido e há, felizmente, homens que desejam vivamente a libertação da mulher e que tem trabalhado para a emancipar: são aqueles que pensam, que sabem que é impossivel o homem emancipar-se do regime capitalista e autoritário sem a mulher estar emancipada, física e moralmente, da tutela masculina.

Mas os homens que assim pensam constituem apenas uma minoria; e a p'va está no atraso moral em que a mulher se encontra.

E porquê? Porque os homens na sua grande maioria não sabem educar a mulher; porque tem também ainda arreigados os preconceitos desta sociedade.

Deviam fazer a propaganda no lar, a suas mulheres, filhas, irmãs etc., e em toda a parte onde essa propaganda podesse ser feita; leva las aos comícios, ás sessões de propaganda e ás festas educativas; fazê-las, enfim, interessar-se por tudo quanto diga respeito ao progresso da humanidade. E assim veríamos como se chegava com muito mais rapidez ao triunfo da Anarquia, que é o único ideal que nos há de libertar,

Lisboa, 5 de Abril de 1915.

ELVIRA LOPES.

A proposito do congresso do Ferrol

A trágica, funesta e horrorosa guerra europeia, não tem feito mais do que causar grandes males em toda a humanidade que luta pela vida e pela sua libertação.

Neste pequeno artigo, não vou expôr opiniões sobre o que deve ser a acção desse congresso para pôr termo a essa brutalidade humana que se desencadeia na Europa, mas sim pedir aos congressistas que se deixem da retórica, saiam do domínio abstracto das coisas para entrarem em cheio e a valer no assunto que ali os vai reunir.

Assim, congratular-me-hei com toda a firmeza da minha alma de revolucionário, se desse congresso fór aproveitado todo o seu tempo no ensejo de se aproximarem, unirem-se todas as classes trabalhadoras da Península. E' que, desta fórma, poderão vencer todas as dificuldades que se possam antepôr aos desejos e vontades a que aludem no seu apelo.

O proletariado tem grande interesse em que se ponha termo á calamidade que se desenrola á superficie da terra. Perante este grande cataclismo, que está provocando a grande crise mundial, o congresso do Ferrol, deverá dar um exemplo sublime juntando os seus esforços grandiosos em pró da sacrosanta cruzada da Paz, fazendo ver aos provocadores e fomentadores da guerra que contra esse barbarismo de interesses capitalistas estão homens de coração e intelligencia, que afirmam bem alto os seus principios de confraternização internacional.

MANUEL CARREIRA

O bem supcemo não está na contemplação, mas sim na acção; está no bem comum e não no bem do individuo isoladamente.

F. Bacon,

Folhetim de «A AURORA» (2)

FIALHO DE ALMEIDA

Para o senhor padrel...

Mas esta em si, vendo a Belisária á espera das perguntas.

—Diz muito bem. Vamos nós agora aos mandamentos.

E por qui fóra, começou o inquerito espiritual, sobre o amor de Deus, a mulher do próximo, a observância da castidade e dos domingos, até a parlando enfim chegar ao ponto critico em que a beata havia de dizer o terrível peado.

—Acuso-me de ter cometido um sacrilégio, senhor padre.

—A misericórdia celeste é infinita, minha irmã.

—Vinha subindo as escadas da igreja, ha bocadinho, entro a rezar e de repente...

—Uma perniça mais de perdiz, padre Calçado!

—Que diz v. senhoria?... Eu nem valor já tenho p'ra contar. Af grandes trabalhos se passam neste mundo!

—Ponha os olhos no céu, tornava o confessor, e pense que a bondade de Deus está provada pelo mesmo perdão concedido por ele aos algozes.

Lá se animou a velha a dizer tudo.

—...vinha subindo as escadas como disse, e de repente, um solfejo...

—Belas, as túbaras! Ah, um solfejo... Música da Vidigueira, que vem cá tocar á nossa festa.

—...solfejo, que (nem eu sei como conte) desconfio me safu das entranhas da barriga...

—?!

—Ai, senhor padrel desabafou a pobre Belisária em pranto affito. Solfejar não era nada; um som que passa... se o demónio me não tem feito saír pela boca outra blasfêmia.

E gorgolejada a alicção, a dona acrescentou:

—E' que eu disse em voz alta para o senhor...

—Olhe que a expulso, mulher!

—...padre Carreira.

—Mas isso não é nenhum sacrilégio, minha irmã!

—E pequei mais.

—Sempre pró mesmo?

—Eu disse, chuchal! E não é verdade que isto reforça...

—O som, não digo. O que pôde é facilitar a absorpção. Espere a.

Foi á vestiária, onde o padre Carreira estava dispondo o bródio para a música da festa e o prégado, e tomando-o de parte, com os sigilos e precauções dignas do acto, pediu-lhe fôsse acabar de

ouvir uma alma cristã, que ali estava no confessional, á espera da graça, e que ele não pudera escutar por escrúpulos de consciéncia...

—Escrúpulos de consciéncia! Não ponha mais, lá apostar que é velha e feia.

Padre Assunção tartamudeou de propósito, desculpas descosidas tendentes a deixar ver ao prior as turbacões de espirito em que se achava, e pretextando fadiga, má disposição, incompeténcia, esquivou-se, mal pôde, empurrando o pároco para o confessional.

—Ora vamos lá ao sansonete, disse o cura, resignando-se. Inda faltam muitas, Silvestre?

—Faltam só três, senhor prior.

—Bem, E' um rufo. Onde tinha vossemecê ficado criatura?

—Nossa Senhora me acudal gemeu lá do fundo do bioco a Belisária. Então o senhor padre Assunção adoeceu?

—Qual adoeceu! Está farto de vocês. E' o que é. Onde ficou vossemecê na confissão?

—Oh mãe do céu! regougava a beata affitivamente, sem achar meio para, nas barbas do padre, confessar que se esvidára em seu proveito.

—Então, santinha, ouve? Olhe que eu não posso aqui estar toda a vida, á espera que vossemecê deite cá p'ra fóra as as fundalhas do

seu bule.

—Ai, senhor padrel dizia a bruxa espásmica e enfiada; realmente eu não sei, não sei... um caso de tanta circunstância... tenho tal medol olhe, estou mesmo mortinha... se fôsse coisa que o sr. padre Assunção inda tornasse, antes eu queria esperar, inda que fôsse por muito tempo...

—Mau, temos séca! Quer dizer ou não quer? Se não quer, despeje o campo, que eu tenho outras almas que ouvir, e estou com pressa.

—Por caridade, acuda-me, senhor prior! Não me falte com a hóstia, que eu espereço. Oh almas santas! Com que cara hei de eu contar a v. senhoria esta imundície! Como hei de eu declarar, sem morrer de vergonha, como fiz uma acção tão diabólica? Ah, senhor padre, foi coisa de era-mál! E eu tão entregue que vinha ás orações! Mas á entrada da porta—tenha compaixão de mim, sou uma pobrel nas escaleiras, truzi escapuli-me...

Escapuliu-se, como, desgraçada?!

—Escapuli, sim, senhor, escapuli, por infelicidade, e mesmo com os olhos em Deus preguei um vento.

—E faz uma esterqueira disto, um caso de consciéncia!

—...escapuli, senhor prior, e disse chuchal!

—Grandecíssima zorra! que a mando já daqui zurzir pelo sacrista.

—Disse chucha, senhor, gania a mísera, rojando-se aos pés do rude pároco, com escândalo dos fregueses que viam de longe o padre gesticular, e a velha a torcer as mãos com jeito affito; disse chucha, e tão infeliz, que acrescentei: para v. senhoria.

—Com tresentos mil diabos, que me vou a parder por esta bêbedal Raio de canorçal! E' a congrua que você me paga das estopadas com que me faz perder a paciência. Agora entendo porque o meu colega estramalhou, tão agoniado, do tribunal da penitência. Não quis ser receptor dum mimo que vinha com sobrescrito ás minhas ventas. E' de bizarrol! Mas hei-de repartir com ele o foliar, que eu sei muito bem que o tipo go-ta. P'ra mais tem cavalheiros da cidade hoje ao almoço. Espere af.

E vencendo as súplicas da velha, que agarrada aos joelhos do cura, teimava em não o deixar partir sem que este a absolvesse, atravessou o cruzeiro como um corisco, sem genuflectir diante do sacrário, e entrou na sacristia de golpe, quando já padre Assunção agarrava no chapéu para se ir vigiar o andamento do banquete.

(Continua)